

SOBRE A DIVERSIDADE DE GÊNEROS EM LIVES

Maria Erica Moura Gadelha¹

Resumo

Com a pandemia causada pela Covid-19, a *live* ficou popularmente conhecida nas mídias sociais e passou a ser estudada academicamente enquanto gênero discursivo/textual. Embora haja autores que defendam o estatuto genérico da live (Amaral et al, 2021; Magna; Santos 2022), o objetivo deste trabalho é descrever diferentes tipos de *lives* presentes nas mídias sociais. Para atender ao objetivo, nos embasamos nas teorias de Bezerra (2022), Bakhtin (2016) e Marcuschi (2008) para a discussão sobre gêneros; e Amaral *et al* (2021) e Magna; Santos (2022), que discutem sobre a tese da live enquanto gênero. Metodologicamente, selecionamos dois tipos de *lives* de diferentes temáticas, sendo uma da esfera acadêmica, e outra baseada no entretenimento, em que buscamos descrever os elementos formais e discursivos presentes em ambas, focalizando a estrutura, os elementos que se tipificam e o público-alvo de ambos os gêneros que ali se realizam. Os resultados encontrados indicam que a live é o meio pelo qual ocorre uma diversidade de gêneros e que a única característica em comum entre as diversas lives é o fato de ser uma transmissão ao vivo.

Palavras- chaves: pandemia; live; gênero.

Abstract

Considerações iniciais

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou o início da pandemia, causada pela COVID-19, que provocou impactos políticos, sociais e discursivos no mundo todo, sendo um período que se caracterizou principalmente pela angústia, medo, isolamento social e disseminação de notícias falsas, por meio das ferramentas digitais, que se tornaram ainda mais presentes em nossas vidas.

Com a pandemia, a sociedade local e global passou a viver uma realidade totalmente distinta da que se estava habituada: escolas, empresas, lojas e todas as atividades presenciais foram paralisadas, iniciando-se o que se convencionou chamar de novo normal. A pandemia também causou mudanças na maneira de se comunicar. Agora pela internet, a casa, então apenas pertencente ao âmbito privado, passou a também se tornar público: professores passaram a ministrar suas aulas por meio das plataformas de vídeo; executivos passaram a fazer

¹ Graduanda em Letras/ Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido. E-mail: maria.gadelha@alunos.ufersa.edu.br

suas reuniões do próprio quarto; artistas também se utilizaram da internet para divulgar sua arte. A emergência de uma prática de linguagem foi o que se popularizou como *live*, que possibilitou acesso a uma gama de espetáculos pela internet.

Diante disso, o nosso estudo tem como objetivo descrever diferentes tipos de *lives* presentes nas mídias sociais. A nossa tese é a de que, embora haja autores que defendam o estatuto genérico da live (Amaral *et al*, 2021; Magna; Santos 2022), não vemos isso acontecer na prática, pois a vemos como um ambiente digital produtivo de profusão de diferentes gêneros. Apesar de ocorrer estudos similares a este, a pesquisa proposta contribuirá para que esse campo de estudo tenha ainda mais visibilidade e mais trabalhos que debatam sobre esse objeto de estudo que nos instiga.

Neste texto, organizamos o trabalho da seguinte forma: primeiro, além dessas considerações iniciais, trazemos os conceitos de gênero e de live; depois, temos uma subseção metodológica, onde mostramos como reunimos nossos dados para a análise e, por fim, nos debruçamos sobre a análise das lives.

2 Sobre os gêneros

Muitos autores debatem sobre gênero e suas terminologias (BEZERRA,2023; BAKHTIN, 2016; MARCUSCHI,2008), à luz de diferentes teorias, tornando o tema um objeto complexo, devido às muitas discussões sobre suas nomenclaturas, que, dependendo do autor, pode ser textual ou discursivo. Bezerra (2022. p.15) apresenta o seguinte questionamento: “Bom, se o uso de adjetivos ao lado da palavra gênero causa tantos problemas e gera tantas polêmicas, por que simplesmente não se eliminam os adjetivos?” Mas, quando buscamos somente a palavra *gênero* em dicionários ou em ferramentas como o Google, percebe-se que ela apresenta muitos sentidos.

Assim como salienta Bezerra (2022, p.15): “Na língua portuguesa, a palavra gênero é utilizada para indicar uma categoria gramatical, a identidade social das pessoas ou, no nosso caso, formas mais ou menos padronizadas de agir socialmente por meio da linguagem, entre outras possibilidades”. Posto isso, compreende-se o motivo pelo qual a palavra gênero é adjetivada, na língua portuguesa.

A despeito de haver uma discussão já antiga no que toca às nomenclaturas dos gêneros, ora textuais (Marcuschi, 2008), ora discursivos (Bakhtin, 2016), assumimos o uso do termo gênero apenas, sem adjetivos, uma vez que entendemos, com Bezerra (2022), que eles são *tanto* textuais *quanto* discursivos. “Não há duas classes de gêneros, os textuais e os discursivos, mas uma só, que

detém esses dois atributos.” Quando pensamos se são discursivos ou textuais, estamos reduzindo o gênero a estrutura, seja ela discursiva ou textual, deixando de lado os seus elementos sociais e desconsiderando que, para que os gêneros se manifestem na linguagem, é necessário algum tipo de materialidade.

Além disso, estudar sobre os gêneros é compreender também as realidades de vida, por ser um conceito vinculado às práticas sociais, “os gêneros são fundamentalmente recursos socialmente desenvolvidos para orientar as ações e as atividades humanas no mundo.” (BEZERRA, 2022, p.303). Portanto, com base nos gêneros, os indivíduos saberão como se comportar em determinadas situações impostas pela sociedade, como em uma entrevista de emprego, um debate político ou na escrita de uma redação, sob a estrutura dissertativa-argumentativa, como se exige no Exame Nacional do Ensino Médio.

Apesar do estudo sobre os gêneros ser complexo, é também algo que instiga os pesquisadores, fazendo com que as discussões sobre os estatutos genéricos de alguns enunciados não sejam algo recente na história. Um exemplo desses estudos é a aula, em que alguns pesquisadores a defendem enquanto gênero (Cerutti-Rizzati, 2012), já outros não defendem essa mesma perspectiva, como o caso do renomado autor Marcuschi (2000, p.17) que salienta: “Na realidade, pode-se dizer que a aula não é um gênero em termos técnicos, pois podemos ter aulas de vários formatos”, como:

- *aulas expositivas* (professor tem a palavra o tempo todo e o texto se processo no formato monologal com assimetria completa)
- *aulas participativas* (professor expõe, mas solicita reação dos alunos, dando-se uma intensa troca de turno, embora sob o comando do professor)
- *aulas de seminários* (organização na forma de exposição parcialmente comandada pelo(s) aluno(s) expositor no caso de aulas universitárias, com a participação do professor como moderador das atividades)
- *aulas com exposição de alunos* (a palavra fica com os alunos que têm a missão de expor ou desenvolver tema sugerido pelo professor e por ele controlado)

Outro exemplo que apresenta características semelhantes aos estudos relacionados a aula, é a elucubração sobre o meme. Para alguns autores (PASSOS, 2012; SHIFMAN, 2014; WIGGINS; BOWERS, 2014; SILVA, 2016; GUERRA, BOTTA, 2018, entre outros) o meme é visto como um gênero, enquanto para outros, essa tese é contestada, como em Lima-Neto (2020). O autor conclui em seu estudo que: “Penso que estamos diante de uma infinidade de gêneros que são reconhecidos socialmente sob uma mesma nomenclatura – a de meme –, o que pode dar a entender que se trata de um único gênero. Esse reconhecimento é possível, uma vez que duas características lhes são constitutivas: a viralização e o remix”. Ou seja, o meme em si não pode ser considerado um gênero, mas produções que possibilitam a propagação de diferentes gêneros. Essas questões agora se voltam para a live, cujos estudos não são novos, mas, com a visibilidade que obteve com a pandemia da covid-

19, os estudos relacionados a ela tomaram um sentido diferente das demais pesquisas. Amaral *et al* (2021) e Magna e Santos (2022) são exemplos de autores, que se sentiram instigados a pesquisar a live enquanto um gênero, conforme veremos no próximo subtópico.

3 Sobre a live

A *live* é considerada por muitos algo recente, que teve início com a pandemia da COVID-19, momento que foi necessário conviver com o distanciamento social, já que não podia ocorrer nenhuma atividade de forma presencial. Mas a live não é nova, antes de ser uma ferramenta vinculada às redes sociais, ela já tinha seu espaço, na esfera jornalística, em que o repórter entra ao vivo para noticiar algo em tempo real. Conforme é posto por Amaral *et al* (2021, p. 241):

A *Live*, porém, não surgiu recentemente. Já tem uma história. Na verdade, a *Live* já é, há bastante tempo, uma prática jornalística frequentemente utilizada, por exemplo, em reportagens, no meio televisivo ou radiofônico, para assinalar que um programa ou evento está sendo transmitido em tempo real, simultaneamente ao momento em que ocorre.

Apesar de muitos associarem a live como algo atual, que surgiu para ajudar a sociedade a atravessar esse momento difícil, a live ou o *ao vivo*, é algo que existe desde a época do rádio e da televisão. Porém, com as novas tecnologias, popularizou-se em plataformas digitais, como as redes sociais Youtube, Instagram e Facebook, um espaço digital que possibilitou e possibilita a transmissão de diferentes tipos de gêneros, seja ele uma entrevista, um show de alguma banda ou uma conferência acadêmica.

A cultura foi uma das esferas mais atingidas com a pandemia da COVID -19, já que foi uma das primeiras atividades a serem paralisadas. Produções artísticas como peças de teatro e shows musicais tiveram que se reinventar e se adaptar às tecnologias digitais, para que assim fosse possível utilizar a internet, para apresentar suas produções, suas artes para o público que estava em isolamento social em suas casas. Com isso, os palcos passaram a ser diferentes do habitual, agora, nas suas próprias casas, os cantores divulgavam e apresentavam seu trabalho. O cantor Gustavo Lima, em 2020, realizou uma das primeiras lives musicais, com o tema “ Buteco em casa”. Com o sucesso e repercussão, outros artistas começaram também a produzi-las. Vejamos o anúncio da live da dupla Maiara e Maraísa:

Figura 1: Card da Live de Maiara e Maraísa, em 23 de abril de 2020.



Fonte: Calendário de Lives: Veja quais os próximos shows você pode assistir em casa (atualização)

Os artistas produziam os cards de suas lives para divulgar em suas redes sociais, para que, assim, seus fãs e demais públicos pudessem ter acesso às principais informações, como o tema da sua live, data e hora e o canal do youtube que seria transmitido.

Além disso, com a propagação dessa ferramenta, (MANGA; SANTOS 2022; AMARAL *et al* 2021) sentiram-se instigados a pesquisá-la de forma mais detalhada. Seguindo uma perspectiva distinta das pesquisas já existentes sobre a temática, visto que, diariamente na tela do celular, da televisão, tablets e notebooks, era possível assistir lives dos mais diferentes gêneros, desde shows artísticos, debates presidenciais e entrevistas. Com isso, alguns pesquisadores, como Manga e Santos (2022), adotaram a tese de que a live pode ser um gênero textual, já para outros, como Amaral *et al* (2021), pode ser entendida como um gênero discursivo². Manga;Santos (2022, p.1261) argumentam que

A *live*, por exemplo, não é um gênero textual inédito que surgiu recentemente, ela é um gênero que passou por remodelagem, uma resignificação daquilo que já existia, porém com a inclusão de conteúdos acadêmicos, onde palestras, reuniões, aulas foram introduzidas no cotidiano dos indivíduos de maneira a suprir as exigências da atual realidade.

Os autores defendem a perspectiva de que a live seria uma gênero textual, que passou por remodelagem, no período de isolamento social, em que a sociedade teve que buscar outras formas de disponibilizar seus trabalhos, e a melhor alternativa encontrada foi incluir ainda mais as palestras, as

² O adjetivo tende a ser importante, pois delimita determinados nichos de pesquisa: quem adota gênero textual tende a ter o texto como foco (MARCUSCHI, 2008); quem adota gênero discursivo tem vínculo com a perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, 2016). Não entraremos nessa discussão aqui. Remetemos o leitor ao texto de Bezerra (2017), que faz uma discussão mais aprofundada sobre a questão.

aulas e debates nas mídias sociais, sendo uma forma de atingir um grande público, pois, naquele momento, o mundo estava ainda mais conectado, visto que uma das formas de distração era as redes sociais.

Amaral *et al* (2021) defende a concepção de que a live é um gênero discursivo, pois, para os autores, a live apresenta características discursivas. Utilizando uma abordagem bakhtiniana, apresentado elementos do tripé bakhtiniano, como conteúdo temático, estilo, e a construção composicional. Entretanto, parece que a noção de estilo apresentada pelos autores alarga o que foi pensado por Bakhtin, já que segundo Amaral *et al* (2021), o estilo que caracteriza a live se dá por ela ser síncrona e assíncrona.

Podemos problematizar a noção de Live enquanto gênero discursivo, a partir de questionamentos sobre ela ser uma transmissão ao vivo que permite a interação síncrona via chat entre os participantes e especialmente sobre ela ser uma interação assíncrona, pelo fato de o conteúdo ficar disponível na rede, e poder receber respostas, via comentários por meio de plataformas como Youtube, Instagram e Facebook após sua publicação. (Amaral *et al*, 2021, p. 248)

Percebe-se que os autores associam o estilo ao fato de a live ser síncrona e assíncrona, pela interação que pode ocorrer via chat, no entanto, isso não se alinha com o estudo de Bakhtin (2016), posto que, para ele, o estilo está relacionado às escolhas linguísticas que os indivíduos fazem para realizar determinado gênero.

Brambilla (2021, p. 417) destaca em seu estudo que:

Necessita de um suporte virtual (internet), estabelece-se primordialmente por linguagem visual e oral, requer que a interação seja em tempo real com os seguidores, permite interação com os interlocutores (curtidas e comentários) e se acopla a mais de uma plataforma digital/rede social, desde que essa possua em suas configurações o recurso de vídeo

Com isso é possível perceber que, além das mídias digitais, a live precisa de um suporte virtual, ou seja, a internet, para que ela ocorra. Esse espaço digital possibilitou a circulação dos mais diversos gêneros, no Youtube, Instagram e Facebook: todos os dias eram produzidas lives variadas, para atingir a todos os públicos.

Outra característica da live é o aspecto interacional entre o sujeito que enuncia e o sujeito que interage, já que a interação ocorre por mensagem escrita via chat, emojis ou até mesmo por meio do silêncio. É por apresentarem características como as anteriormente descritas que alguns autores defendem a ideia de live enquanto gênero como Amaral *et al* (2021, p. 250)

Em segundo lugar, a hibridização do gênero discursivo *Live*, a depender da esfera discursiva e do propósito dos produtores, pode-se dar através da intercalação com outros gêneros. Dessa forma, uma *Live* pode ganhar um formato de palestra ou de conferência; pode acontecer em formato de espetáculo de entretenimento, como um *show*, ou de *merchandising*; ou ainda

podemos ter uma *Live* se mesclando a certos gêneros de interesse público, como os jurídicos, cujo objetivo é orientar a população para um problema de justiça social, como é o caso da *Live* que é objeto de análise deste artigo

Amaral *et al* (2021) defende a live enquanto gênero do discurso, que pode assumir formatos variados, se mesclando a outros gêneros. No entanto, a problemática aqui é o fato de não serem tipificados os gêneros com os quais a mescla genérica pode acontecer. Toma-se como tese que a live é um gênero, que assume formas de outros gêneros, formando, portanto, uma mistura.

Mas, para eles defenderem o estatuto genérico da live, seria importante ele dizer os critérios utilizados. Se o autor se utiliza de uma abordagem bakhtiniana, ele tem de mostrar pelo menos como o tripé bakhtiniano - conteúdo, composição e estilo - se realizam na live. Sem esses critérios e como eles se apresentam regulares em toda e qualquer live, a tese de que se trata de um gênero fica comprometida.

Nota-se que os autores defendem a ideia de que a live acadêmica seria um gênero textual, e que teria passado por ressignificações, para suprir as necessidades que a sociedade vivenciava. Aqui se mostra que é frágil sustentar o estatuto genérico da live, pois há muito mais instabilidade do que estabilidade. Ela pertenceria, então, a diversas esferas da comunicação humana? Parece certo contrassenso assumir isso, pela própria ideia de relativa estabilidade do gênero, pressuposto difundido por Bakhtin e um consenso na área de estudos de gênero.

4 Dos métodos

A pesquisa proposta se caracteriza como qualitativa, tendo em vista que o objetivo é expor os diferentes tipos de *lives* e as especificidades que fazem com que elas sejam vistas como gêneros diferentes. Godoy (1995, p.21) afirma que [...] hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

Com isso, inicialmente foram identificados os diferentes tipos de *lives* que são produzidas pelos usuários das mídias sociais, como Instagram e Youtube. Em seguida, para este estudo, selecionamos dois tipos de *lives* de diferentes temáticas, sendo uma da esfera acadêmica, intitulada “Os desafios da escrita universitária: reflexões introdutórias”³, e outra relacionada ao entretenimento, sendo uma live musical, dos cantores Jorge e Mateus, tendo como tema “ pelo amor de Deus Jorge e Mateus”⁴. Logo após, buscamos descrever os elementos formais e discursivos presentes em ambas,

³ <https://youtu.be/7PcSrMpRNm0>

⁴ <https://youtu.be/jf3R8HChiVg>

focalizando a estrutura, os elementos que se tipificam e o público-alvo de ambos os gêneros que ali se realizam.

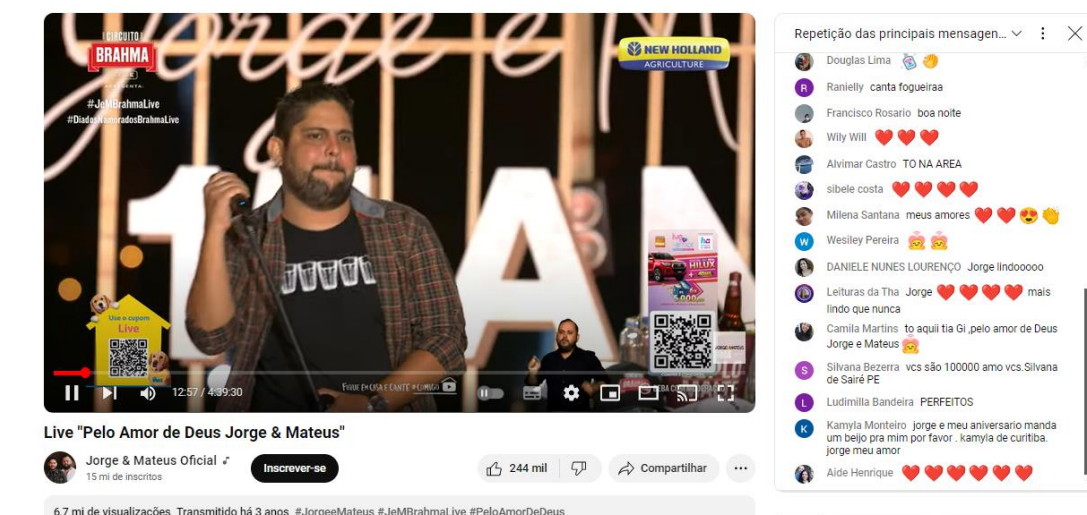
5. Da diversidade de lives

Nesta seção, organizamos nossa análise em dois subtópicos, em que o primeiro tem como título live musical e o segundo live acadêmica.

5.1 Live musical

Para iniciarmos a nossa análise, destacamos primeiramente a live associada ao entretenimento:

Figura 2: Print da live de Jorge e Mateus, em 10 de junho de 2020



Fonte: <https://youtu.be/7PcSrMpRNm0>

A live escolhida tem como tema: “Pelo amor de Deus Jorge Mateus”, dos cantores Jorge e Mateus, e está disponível no canal do YouTube da dupla sertaneja. A live foi produzida para comemorar o aniversário de 15 anos da dupla, com a duração de mais de 4 horas de show, tendo atingido a marca de 4,6 milhões de acessos simultâneos. Tendo como público alvo os fãs da dupla e pessoas que estavam em busca de formas de se distraírem no período pandêmico.

Jorge e Mateus iniciam seu show cantando uma das suas famosas músicas: “Vou voando” promovendo o entretenimento e a interação com o público da internet nos intervalos das suas músicas. Além disso, a live da dupla, dispõe de um momento para que sejam reproduzidos os vídeos de fãs, amigos e colegas de trabalho da dupla, para que possam falar um pouco sobre a dupla. Por meio dos comentários, o expectador pode comentar sobre qualquer coisa, desde elogios, críticas, pedidos de músicas, que desejavam ouvir até assuntos que não tinham relação com o show.

Um exemplo disso é o comentário que um espectador fala: “dupla de bolsoninion”, comentário esse que pode não ocorrer em outras lives.

Figura 3: Print de Comentários da live, em 10 de junho de 2020



Fonte: <https://youtu.be/7PcSrMpRNm0>

Além do comentário mencionado acima, é possível perceber outros comentários, um deles fazendo críticas a um dos cantores e outro reclamando sobre as propagandas que ocorrem no momento da live, visto que, com o print, é possível observar que há também dados como: “Brahma”

e “New Holland”, na parte superior, e “Petz” e “Sorteio durante a live”, na parte inferior, apontam para logomarcas patrocinadoras do evento de entretenimento, que conhecemos socialmente como um show musical. Por ser um espaço que tinha alta visibilidade no período pandêmico, os donos das famosas marcas notaram que as lives poderiam ser um excelente meio de divulgação, e os artistas, no decorrer do seu show, realizavam propagandas para as marcas patrocinadoras do evento. Assim como ocorre em outras lives, os cantores realizam diversas propagandas dos produtos patrocinadores, como as bebidas Cachaça Cabaré e a Cerveja Brahma, promovendo a visibilidade dos produtos e influenciando o público a comprá-las, tendo em vista que, na maioria das lives, o público sempre estava consumido algum tipo de bebida alcoólica.

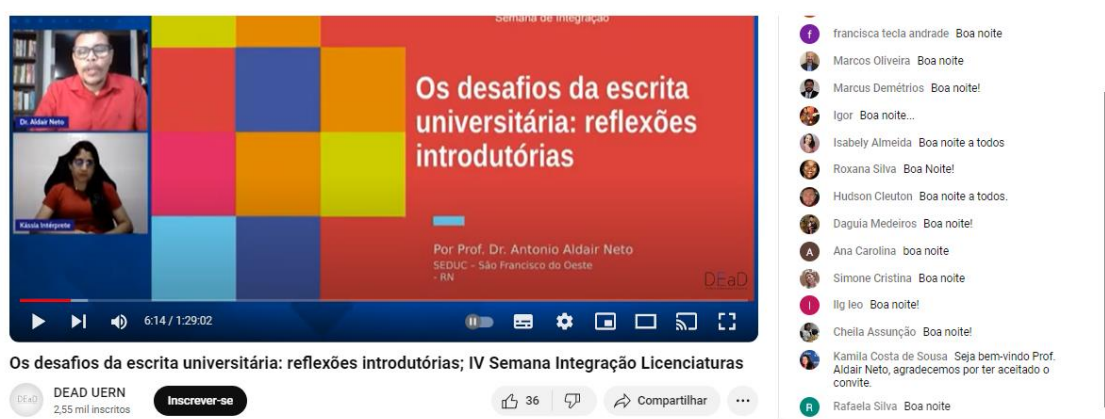
Além das logomarcas patrocinadoras da live, na parte inferior da tela, nota-se também a presença dos intérpretes de libras, que tinham seu espaço em determinados programas de televisão, passam a fazer parte também das transmissões ao vivo das mídias sociais, proporcionando a acessibilidade da live para a comunidade surda. A essa característica de um conjunto de textos participantes de determinados gêneros reunidos num mesmo espaço de enunciação Lima-Neto e Carvalho (2022) deram o nome de compósito de gêneros.

Diante disso, percebe-se que, para ser um gênero, deve-se seguir um padrão estabelecido socialmente, ou seja, todas as lives teriam que ocorrer da mesma forma, com características recorrentes, como estrutura composicional, estilo, público-alvo, propósitos discursivos e meios de circulação. Como poderemos observar no próximo exemplo, em que analisamos um exemplar de live acadêmica.

5.2 Live acadêmica

A segunda live da nossa análise faz parte da esfera acadêmica:

Figura 4: Live acadêmica sobre os desafios da escrita universitária: reflexões introdutórias



Fonte: <https://youtu.be/jf3R8HChiVg>

Ela tem como título: “Os desafios da escrita universitária: reflexões introdutórias”, realizada pela Diretoria de Educação a Distância (DEAD), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, na IV Semana de Integração das Licenciaturas. Tem como público alvo o meio acadêmico, ou seja, estudantes e professores de graduação das licenciaturas, visto que tem como propósito fazer com que seu público compreendesse as dificuldades que alunos universitários enfrentam com a leitura e a escrita. Desse modo, para iniciar a live, a professora mediadora inicia a live apresentando o professor que irá realizar a palestra. Para iniciar sua fala, o professor expressa saudações e agradecimentos, destaca a temática que será abordada e também o percurso de fala, para então iniciar a discussão sobre o tema.

Com o suporte de slides, o professor palestrante inicia a discussão sobre a temática com duas questões relacionadas à leitura e escrita dos alunos universitários, para, em seguida, apresentar autores que seguem a mesma linha de pensamento. Posteriormente, apresentam táticas que fazem com que ajudem a fixar a leitura feita, contribuindo para melhorar a escrita. Além disso, em seu percurso de fala, o professor aborda o conceito de gêneros discursivos apresentado por Bakhtin (2016), e então fala sobre os desafios da escrita acadêmica, desenvolvimento de competências e habilidades, a escrita acadêmica, ciclo de produção, alguns gêneros do domínio acadêmico, finalizando sua fala com frases que fazem reflexões sobre a importância de ler e escrever, citando a renomada autora Clarice Lispector.

Ao final da apresentação, a mediadora deixa o espaço livre para responder às perguntas, realizadas pelo público por meio dos comentários. Com isso, percebe-se que se trata, na verdade, do gênero palestra, que poderia ter ocorrido da mesma forma em um cenário presencial. Na verdade, a única diferença se dá pelo meio pelo qual ela ocorre, que no caso em questão é por meio da live.

Em resumo, importam esses dois exemplos para mostrar que, mesmo reconhecidas sob um mesmo rótulo, o de live, não é possível afirmar tratar-se de um gênero, uma vez que elas têm características diferentes, organizam-se de maneira diferente, tem públicos-alvo distintos e têm propósitos diferentes. O que as diferencia é o ambiente, o digital, no Youtube, Instagram ou Facebook.

Considerações finais

Neste trabalho, tivemos como objetivo descrever os diferentes tipos de *lives* presentes nas mídias sociais. Concluímos que é difícil sustentar a tese apresentada por Amaral et al, (2021) e Magna; Santos (2022) de que a live é um gênero, visto que, como é posto por Bezerra (2023), “Os gêneros são fundamentalmente recursos socialmente desenvolvidos para orientar as ações e as atividades humanas no mundo.”, os gêneros seguem um padrão que é estabelecido socialmente, em

que gêneros como o debate, a entrevista e o anúncio devem sempre ocorrer seguindo a mesma tipificação: circular nos mesmos contextos, atender aos propósitos específicos, responder a mesmas ações sociais e apresentar certa tipificação. Isso é diferente do que ocorre com as lives analisadas em nosso estudo, já que a live acadêmica apresenta um público, forma e conteúdo distinto da live musical, que tem como público seus fãs e pessoas que desejavam se distrair, levando em consideração o período pandêmico.

Sendo assim, compreende-se que a live é o meio pelo qual ocorre uma diversidade de gêneros e que a única característica em comum entre as diversas lives é o fato de ser uma transmissão ao vivo.

Referências

AMARAL, Marcos Roberto dos Santos; GONÇALVES, João Batista Costa; FREIRE, Janaina Lisboa Lopes. **O estatuto discursivo-dialógico da “live de interesse público”: as potências transformadoras para a criação de novas práticas sociodiscursivas no contexto da pandemia da covid-19.** Olhares e Trilhas, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 240-262, 2021.

BRAMBILA, Guilherme. **A LIVE ACADÊMICA EM PERSPECTIVA BAKHTINIANA: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO DISCURSIVO E ALTERIDADE.** Entreletras, Araguaína, v. 12, n. 2, p. 408-429, 2021.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Teorias de Gêneros Textuais/ Discursivos.** Recife: Unicap Digital, 2023. 91 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do Discurso.** Brasil: 34Ltda, 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, jul. 1995.

LIMA-NETO, Vicente de. MEME É GÊNERO? QUESTIONAMENTOS SOBRE O ESTATUTO GENÉRICO DO MEME. **Trab. Ling. Aplic**, Campinas, p. 2247-2277, dez. 2020.

LIMA-NETO, V., CARVALHO. A. P. Sobre os compósitos de gêneros. **Revista de Letras**, [S. l.], v. 1, n. 41, 2022. DOI: 10.36517/revletras.41.1.8. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/81099>. Acesso em: 7 abr. 2024.

MANGA, Gecilda de Assis; SANTOS, Iago Pereira dos. REFLEXÕES SOBRE O DIMENSIONAMENTO DO GÊNERO TEXTUAL DIGITAL AULA LIVE NO CIBERESPAÇO. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 84, n. 1, p. 1254-1263, dez. 2022.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. GÊNEROS TEXTUAIS: O QUE SÃO E COMO SE CONSTITUEM. **Universidade Federal de Pernambuco**, Recife, v. 1, n. 1, p. 6-131, jan. 2000.